

Desobediências epistemológicas: ubuntu e teko porã, outras perspectivas éticas e epistemológicas¹

Ana Flávia Costa Eccard²

Adriano Negrís³

Marcelo José Derzi Moraes⁴

Como forma de resistência e desobediência epistêmica ao regime logocêntrico imposto pelos povos colonizadores, exclusivamente na área da filosofia, buscamos aprofundar o conhecimento de filosofias não-ocidentais como alternativa a uma epistemologia e uma ética centrada na individualidade do ego. Para isso, encontramos no *Teko Porã* e *Ubuntu* pontos de convergências, ambas pautadas em uma cosmovisão da coletividade que se contrapõe radicalmente ao individualismo resultado de uma sociedade capitalista e logocêntrica.

Essas filosofias orientam uma forma de viver que ligam o ser humano e a natureza, enfraquecendo os discursos egoístas que se compõe de *ter* em detrimento de *ser*. Para isso, nos pautamos em pensadores como Walter D. Mignolo, Nelson Maldonado Torres, Anibal Quijano, Bartolomeu Méllia, Davi Kopenawa, Ailton Krenak e Mogobe Ramose.

Trazer para a filosofia essas duas perspectivas de pensamento e de práticas existenciais, é dar voz a uma filosofia não contemplada pela academia extremamente eurocêntrica, que reproduz em sua geopolítica um racismo epistemológico, segundo Carlos Moore. Portanto, tanto o *Teko porã* como o *Ubuntu* consubstanciam éticas que

¹ GT4 - Perspectivas epistemológicas, vivências e outras racionalidades: implicações e desafios para o fazer científico contemporâneo

² Doutoranda em Filosofia pelo PPGFIL/UERJ e em Direito pela PPGD UVA. Email: anaeccard@gmail.com.

³ Doutorando em Filosofia pelo PPGFIL/UERJ. Email: adrianonegris@gmail.com.

⁴ Doutorando em Filosofia pelo PPGFIL/UERJ; Professor de Filosofia da Educação UERJ/FFP. Email: marcelojdmoraes@hotmail.com.

valorizam a ancestralidade e a multiplicidade do conhecimento, um enaltecimento das especificidades culturais, raciais e ideológicas de um povo, promovendo, assim, um lugar de fala para novas epistemologias a partir do reconhecimento da sua identidade como legítima, manifestada pelo seu próprio povo e não pelo de fora.

Trata-se de promover uma descolonização no campo da filosofia ou uma desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008), apresentando a riqueza de outros conhecimentos até então desconsiderados, forçosamente obliterados. Porém, que possui uma força epistêmica fundamentada nas singularidades presentes em povos marginalizados, vítimas de um epistemicídio (MOORE, 2012; RAMOSE, 2011), o que nos aproxima de entender nosso lugar de origem e não o lugar determinado pelo invasor dominante.

O *teko porã* oriundo das comunidades indígenas falantes da língua guarani, que pode ser traduzido por bem viver, que seria contrário ao modo de vida ocidental do viver bem (LESBAUPIN, 2011). É uma ética de vida, são práticas que em não separam o humano da natureza, da terra e da busca constante de realização em conjunto com a natureza. Para Bartomeu Melià, não há uma hierarquia entre o homem e a natureza e nas relações humanas, o individualismo não tem vez, tudo é, pois, tudo é pensado a partir da comunidade, juntamente com sua relação com a natureza, havendo, portanto, harmonia com a natureza e com os membros da comunidade (2013).

Além disso, essas sociedades possuem com a aldeia, os habitantes e a floresta uma ligação de força vital. Para Graciela Chamorro (2016), a pessoa que vê a palavra torna-se maior quando se comunica, quando faz do que é “seu” o “nosso”, quando faz da sua palavra nossa mútua palavra. Porém, a acusação de Davi Kopenewa não é em vão: *hoje os povos indígenas estão preocupados e revoltados porque o homem branco destrói a natureza e as terras indígenas sem conversar com ninguém* (2011).

Já o *ubuntu*, muitas vezes traduzido equivocadamente por humanismo, é bem mais complexo do que esse cocneito que, em primeiro lugar, é pautado numa ideia

específica de homem e se limita a ideia de homem. Para Malomalo (2010), a melhor forma de traduzir o *ubuntu* é quando reconhecemos que nossa existência só é possível porque nós existimos, que é na constatação do outro que pode se procurar pensar uma existência. Em outras palavras, completamente o contrário do eu penso, logo sou/existo moderno.

A prática *ubuntu*, que é uma filosofia, mas também uma ética de vida, exercida pelos povos falantes da língua bantu da África, além de possuir uma complexidade em termos filosóficos, pois apreende ao mesmo tempo a ideia de ser e sendo (RAMOSE, 2010), o *ubuntu* não se baseia num valor transcendental acerca do outro, muito menos a concepção de liberdade, de justiça e de relação com outrem. Em segundo lugar, as relações de alteridade não são caracterizadas por uma tolerância ou um respeito ao outro que prometa um lugar no céu, como também, não possui a relação de senhor e de escravo onde a hierarquia faz o movimento da comunidade (RAMOSE). E que, de acordo com Renato Nogueira (2012), é uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta. Porém, como vai nos explicar Mandela em sua autobiografia, acerca da chegada violenta dos europeus na África: *o homem branco destruiu o ubuntu* (1995, p. 29).

Portanto, acreditamos que pensar com essas outras culturas que são marginalizadas e vítimas de um fascismo e um racismo epistemológico, seja uma grande maneira de fazer justiça aos povos massacrados pela violência colonial e para a manutenção do capitalismo. E, por outro lado, uma boa chance de darmos uma outra alternativa para as sociedades contemporâneas.

Referencias:

CHAMORRO, Graciela. *O bem viver nos povos indígenas*. Disponível em: <http://cebivirtual.com.br/ava/arquivos/FT1-M1.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2016.
KOPENAWA, Davi. Bem-Viver: um aprendizado para a humanidade. In. *Revista IHU On-Line* nº 340, 2011.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

- LESBAUPIN, Ivo. *A sociedade do bem viver*. In. Revista PucMinas, 2011.
- MELIÀ, Bartomeu. Palavras ditas e escutadas. In. *Mana* 19(1): 181-199, 2013.
- NOGUERA, Renato. *O ensino de filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.
- _____. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. In. *Revista da ABPN*. V. 3, n. 6, p. 147-150. nov. 2011, 2012.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, Boaventura; Meneses, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MALOMALO, Bas'Illele. Eu só existo porque nós existimos. In. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Vol. 340, 2010.
- MANDELA, Nelson. *Longo caminho para a liberdade: uma autobiografia*. Tradução: J. E. Smith Caldas. São Paulo; Siciliano, 1995.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica. In. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Niterói: no 34, 2008.
- MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- MORAES, Marcelo José Derzi. Desconstruindo o epistemicídio a partir de Jacques Derrida. In. *ANALÓGOS*, Rio de Janeiro, Edição Especial, 2017.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade e Modernidade-Racionalidade. In. *Os conquistados: 1492, e a população indígena das Américas*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- RAMOSE, Mogobe. Globalização e ubuntu. SANTOS, Boaventura; Meneses, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. In *Revista Ensaios Filosóficos*. Vol. 04, 2011.
- SANTOS, Boaventura; Meneses, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- THOREAU, Henry. *Desobediência Civil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.